

## Mário Cesariny voltou a voar

Cláudia Luís\*

"Quase desde miúdo até aos cinquenta anos, todas as noites já adormecia a sorrir de gozo, porque sonhava sempre que voava, e era uma coisa tão boa, tão boa, tão boa... E depois não havia paisagem, era o espaço puro, não se via nada. Maravilha!". Mário Cesariny tornará a voar o poeta e pintor, figura maior do surrealismo português, morreu na madrugada de ontem, na sua casa em Lisboa. Tinha 83 anos e um desejo final. "Gostava de ter daquelas mortes boas, em que uma pessoa se deita para dormir e nunca mais acorda".

Poeta e artista plástico dedicado sobretudo à pintura, Cesariny destacou-se na história enquanto principal representante do movimento surrealista português. Depois de conhecer, em Paris, o fundador do movimento francês, André Breton, integrou o Grupo Surrealista de Lisboa. O núcleo, em que também se enquadravam O'Neill e José-Augusto França, protestava contra o regime político e contra o neo-realismo.

Mas Cesariny - "um homem que não receava enfrentar códigos", como sublinhou Arnaldo Saraiva, presidente da Fundação Eugénio de Andrade - acabaria por protestar contra esse núcleo, formando outro o 'anti-grupo' "Os Surrealistas", com Cruzeiro Seixas e Risques Pereira.

Era um "espírito livre, um exemplo de irreverência, independência e, sobretudo, de criador autêntico", descreveu Arnaldo Saraiva. "Viveu, ao mesmo tempo, com riso e desdém", considerou o poeta Manuel António Pina, numa "expressão perante a vida difícil de separar da sua obra", sublinhou (ver texto na última página).

Escrever para quê?

Cesariny acabaria por ser mais reconhecido na sua obra literária do que no domínio da pintura. João Pinharanda, crítico de arte, lamenta-o. "Mas o próprio artista não dava à sua actividade plástica a importância que dava à poesia", disse. "Qualquer poesia sua tinha uma grande repercussão crítica, mas se fazia um desenho no café, ficava para sempre desconhecido", acrescentou o crítico.

Cesariny, cuja atitude estética se caracterizava pela permanente experimentação, começou por dedicar-se à pintura de forma ocasional, mas a acabaria por fazer dela actividade quase exclusiva. Deixou de tocar piano e de escrever poesia. "Secou", dizia. Não sentia necessidade de escrever. "Para quê? A quem?"

A sua obra literária - onde se destacou como antologista, compilador e historiador polémico do surrealismo em Portugal - começou pela poesia de intervenção, na década de 40. Acabou por escrever sobre tudo. E muito sobre o amor "Pode-se morrer por amor. Mas também se pode morrer por falta de amor".

Aplaudido e solitário

O professor de Literatura Cabral Martins considerou Mário Cesariny "o último representante da pléiade de grandes poetas portugueses que marcaram o século XX". O próprio Cesariny dizia ser "um poeta bastante sofrível, um grande poeta numa época em que o tecto está muito baixo, sem Anteros, Pessanhas ou Pessoas".

Não apreciava vénias, nem homenagens - recebeu apenas duas distinções em vida... "Estou num pedestal muito alto, batem palmas e depois deixam-me ir sozinho para casa. Isto é a glória literária à portuguesa", disse.

Agora, é tempo de homenagens póstumas. Mencionando a "inquietação criativa" de Cesariny, a quem Lisboa "deve muito", o presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Carmona Rodrigues, anunciou que a autarquia dará o seu nome a um "equipamento cultural relevante".

Vida oportuna única

Mário Cesariny padecia de uma doença do foro oncológico há vários anos, mas "piorou drasticamente nos últimos três dias", revelou o seu editor Manuel Rosa. "Ele estava num universo em que as coisas eram cada vez mais negativas, mais desligadas da realidade e teve, nos últimos tempos, uma visão muito negra das coisas", disse Eduardo Prado Coelho.

Acredita-se que Mário Cesariny, o homem que "viveu a vida como quem aproveita uma oportunidade

única", como frisou Manuel António Pina, teve uma "daquelas mortes boas". O seu corpo está em câmara ardente no Palácio das Galveias, em Lisboa, de onde parte hoje, às 14 horas, para o cemitério dos Prazeres.

\*com Ana Fonseca e Marta Neves

(*Jornal de Notícias*, Porto, 27 Nov. 2006)